

UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA  
ARTES VISUAIS E TECNOLOGIA DA IMAGEM

ANDRÉ LUIS LIMA PARENTE

**OLHAR SOBRE A CIDADE: UMA PROPOSTA DE EXPANSÃO DA  
PERCEPÇÃO VISUAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

BELÉM  
2018

ANDRÉ LUIS LIMA PARENTE

**OLHAR SOBRE A CIDADE: UMA PROPOSTA DE EXPANSÃO DA  
PERCEPÇÃO VISUAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Artes Visuais e  
Tecnologia da Imagem da Universidade  
da Amazônia como requisito para obter o  
título de Licenciatura em Artes visuais e  
Tecnologia da Imagem.

Orientadora: Mestra Simone Moura

BELÉM  
2018

ANDRÉ LUIS LIMA PARENTE

**OLHAR SOBRE A CIDADE: UMA PROPOSTA DE EXPANSÃO DA  
PERCEPÇÃO VISUAL ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Artes Visuais e  
Tecnologia da Imagem da Universidade  
da Amazônia como requisito para obter o  
título de Licenciatura em Artes visuais e  
Tecnologia da Imagem.

Orientadora: Mestra Simone Moura

Banca examinadora

---

Prof. M.Sc. Simone de Oliveira Moura

Orientadora – Universidade da Amazônia

---

Prof. Dr. Jorge Leal Eiró da Silva

Universidade da Amazônia

---

Prof. José Mariano Klautau de Araújo Filho

Universidade da Amazônia

Apresentado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito:\_\_\_\_\_

BELÉM  
2018

À minha família por estarem sempre ao meu lado nos momentos difíceis, por permanecemos unidos apesar de todos os problemas e dificuldades que passamos e por serem tudo de mais importante nesta minha efêmera vida. Eu amo vocês: minha mãe, meu pai e minha irmã.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por me amar incondicionalmente, por ser essa mulher incrível que eu amo tanto e por ter feito e continuar a fazer de tudo por mim e pela minha irmã. Ao meu Pai Arnaldo que está a cuidar de mim e de minha irmã desde os meus 4 anos de idade, por me ensinar valores, por me ensinar a ser um homem de caráter e por ser o melhor pai que eu poderia ter. À minha irmã por sempre estarmos unidos independente do obstáculo. À Mariana Lisboa por sua amizade e companheirismo inexorável. Ao Taian Borges, José Santana de Carvalho, Leandro Portal, Victor Lima, Paula farias e Levi, amigos de bom coração, que me ajudaram em inúmeras situações, pelo companheirismo inabalável, por serem grandes amigos e pelos momentos de alegria e superação, meus sinceros agradecimentos. Ao meu primo Neto por ser como irmão mais velho para mim, que sempre procurou o meu bem. Ao meu Tio Ademir, Tia Andreia e minha prima Camila Cruz por me acolherem em sua casa em diversos momentos e por serem deveras importante para mim. À Luciana Yunie Sasaki Borges pelo apoio incondicional e por sua amizade inefável. À Gabriele Lisboa, Beatriz Sena e Ana Paula Debs, por serem pessoas maravilhosas e pela amizade que tanto prezo. À Tatiana Cardoso pela amizade, parceria e apoio durante essa caminhada. À todos que criaram e fizeram possível o evento #Deixadisso, pessoas que jamais esquecerei. Aos meus amigos e colegas da turma de Artes visuais e tecnologia da imagem 2015.1 da Unama. À Cinthya Marques por acreditar nas minhas capacidades e me dar a oportunidade de começar de algum lugar. Ao Jorge Soares pelas caronas. À Amanda Vieira e Felipe Garcia por terem se preocupado comigo em um momento difícil. À Marcia Pontes por me ensinar a ser um profissional melhor. À Natália alfaia pela sua amizade. Ao Igor Pereira e Armando Ramoa pelas inúmeras conversas sobre a vida o universo e tudo mais e pela amizade inabalável. Ao Renato Rodrigues, Camila Tadeu, Carlos Filho, Antoniele Uchôa e Rafaela Gaia por serem pessoas de bom coração e de um companheirismo estonteante. À família Neves por me tratar tão bem. Ao Mateus leal por ser uma pessoa gentil e por dividir seu almoço comigo. À Tia Andreia, Wil, Tia Ciria e Tio Euclides por terem feito parte da minha história e que sempre estarão em meu coração. Ao Lucian e Luan Borges pela sua bondade e solidariedade. Ao Edi pela parceria. Ao Pedro Sampaio pelas conversas. Ao Mikael, Natália Lopes e Thais Pimenta por me ajudarem quando precisei. Ao Miguel Moura pela amizade sincera e pelo apoio. À Simone Moura, minha orientadora, pela sua dedicação a mim, paciência e por ser essa profissional maravilhosa que admiro tanto. Ao Igor Pereira, Mariano Klautau Filho e Simone Moura por através de seus trabalhos, suas experiências e conversas, me ajudaram no processo de expansão da minha percepção visual em geral. Meus sinceros agradecimentos a todos os Professores que passaram pela minha vida e que me ajudaram a chegar onde cheguei, pois sem eles eu jamais conseguiria.

*“Imagens são mediações entre homem e o mundo. O homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo entrepõe-se mundo e homem.”*

(Vilém Flusser)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso trata acerca da fotografia como auxiliadora no processo de expansão da percepção visual sobre a cidade. Tendo como métodos de pesquisa: O bibliográfico, documental e o estudo de caso. Para coleta de dados foi realizada uma oficina de fotografia de rua. Neste trabalho é relatado as vivências e experiências do autor com relação ao espaço urbano, o próprio aborda a fotografia no seu aspecto histórico, em relação ao registro das transformações da cidade, principalmente na segunda metade do século XIX. É explicado de forma breve sobre a percepção visual e a intencionalidade da fotografia. Como exemplo de fotógrafos de rua é falado sobre Eugène Atget, Cyro Almeida e Luiz Braga pois esses três artistas possuem as características fotográficas que compactuam com a proposta de uma ação educativa desenvolvida pelo autor desta pesquisa que também é citado. O planejamento, a execução e as dificuldades da oficina intitulada: “Oficina de Fotografia de rua – Uma forma de expandir a percepção visual da cidade ” são descritas neste trabalho e no final desta pesquisa há as considerações finais.

**Palavras-chave:** Fotografia. Cidade. Percepção visual.

## RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso trata acerca de la fotografía como auxiliar en el proceso de expansión de la percepción visual sobre la ciudad. Teniendo como métodos de investigación: El bibliográfico, documental y el estudio de caso. Para la recolección de datos se realizó un taller de fotografía de calle. En este trabajo se relatan las vivencias y experiencias del autor con relación al espacio urbano, el propio aborda la fotografía en su aspecto histórico, en relación al registro de las transformaciones de la ciudad, principalmente en la segunda mitad del siglo XIX. Se explica de forma breve sobre la percepción visual y la intencionalidad de la fotografía. Como ejemplo de fotógrafos de calle se habla de Eugène Atget, Cyro Almeida y Luiz Braga pues estos tres artistas poseen las características fotográficas que comprimen con la propuesta de una acción educativa desarrollada por el autor de esta investigación que también es citado. La planificación, la ejecución y las dificultades del taller titulado: "Taller de Fotografía de calle - Una forma de expandir la percepción visual de la ciudad" se describe en este trabajo y al final de esta investigación hay las consideraciones finales.

**Palabras-clave:** Fotografía. Ciudad. Percepción visual



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Retrato de Eugène Atget, 1927. Gift of Maria Morris Hambourgd. ....	22
Imagem 2 - Rue Guerin Boisseau (2e) 186 R.S. Denis, 1907. Eugène Atget .....	23
Imagem 3 - Coiffeur Avenue de l'Observatoire, 1926. Eugène Atget .....	24
Imagem 4 - Retrato Cyro Almeida .....	25
Imagem 5 - S/ Titulo, 2011. Cyro Almeida .....	26
Imagem 6 - S/ Titulo, 2011. Cyro Almeida .....	27
Imagem 7 - Retrato de Luiz Braga .....	27
Imagem 8 - Tajás, 1998. Luiz Braga .....	29
Imagem 9 - Ponta d- areia, 1988. Luiz Braga .....	29
Imagem 10 - Retrato André Parente .....	30
Imagem 11 - Momento Ana Lira, 2017. André Parente .....	31
Imagem 12 - A cor do teu batom, 2017. André Parente .....	32
Imagem 13 - Print da página do evento criado no Facebook .....	34
Imagem 14 - Pont Neuf Entree de la Place Dauphnie, 1899 – 1900. Eugène Atget .....	37
Imagem 15 - Magasins du Bon Marche, 1926 - 1927. Eugène Atget .....	38
Imagem 16 - S/ titulo, 2011. Cyro Almeida .....	39
Imagem 17 - S/ titulo, 2017. Cyro Almeida. ....	40
Imagem 18 - S/ titulo, 2017. André Parente .....	42
Imagem 19 - S/ titulo, 2017. André Parente .....	43
Imagem 20 - Raizes em cidade, 2018. Jjoy .....	45
Imagem 21 - Apenas cansado, 2018. Kael .....	46
Imagem 22 - O duende e a água mágica, 2018. Ths .....	47
Imagem 23 - Entrada para ruínas, 2018. Victor .....	48
Imagem 24 - Print do Instagram @Fotorua5 .....	50

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A FOTOGRAFIA E A PERCEÇÃO VISUAL SOBRE A CIDADE.....</b>	<b>16</b>
2.1 O PAPEL DA FOTOGRAFIA NA SEGUNDA METADE DO SECULO XIX .....	17
2.2 A INTENCIONALIDADE DA FOTOGRAFIA .....	18
<b>3 A CIDADE E A PERCEÇÃO VISUAL DESSE ESPAÇO .....</b>	<b>21</b>
3.1 A CIDADE NAS FOTOGRAFIAS DE EUGÈNE ATGET, CYRO ALMEIDA, LUIZ BRAGA E ANDRÉ PARENTE .....	22
<b>4 OFICINA: FOTOGRAFIA DE RUA – UMA FORMA DE EXPANSÃO DA PERCEÇÃO VISUAL SOBRE A CIDADE .....</b>	<b>33</b>
4.1 O PLANEJAMENTO .....	33
4.2 A REALIZAÇÃO .....	35
4.2 A FINALIZAÇÃO.....	45
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>51</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Todos os dias, as pessoas percorrem diversos caminhos pela cidade, seja ele a pé, de bicicleta, ou qualquer outra forma de transporte. Muitas vezes esses caminhos são recorrentes, ou seja, de casa para o trabalho, do trabalho para casa ou para outro lugar como à universidade e da universidade para casa. Normalmente não temos “tempo livre” em meio a essa correria, estamos presos ao “chegar no horário”, “ir rápido”, “chegar cedo em casa, para que se tenha mais tempo para descansar”, para no outro dia começar tudo de novo. Fazendo nossa casa se tornar apenas um dormitório. Andamos pela cidade como um cavalo que trabalha junto a um carroceiro, que nesse caso, relaciono com a própria sociedade, ditando e praticamente obrigando a cada um de nós a seguir suas regras sem pensar em questioná-las, através do cabresto do medo, carregando o peso constante de “ser alguém”, “ter uma estabilidade financeira” e usando o antolho do tempo e do dinheiro para chegar a um determinado local, sempre com pressa.

Esses caminhos percorridos são geralmente feitos às pressas, o que impede a exploração e percepção dos lugares de onde se está a passar, que muitas das vezes, é sempre o mesmo, assim como os seus pequenos e efêmeros detalhes. Alguns detalhes mais óbvios podem ser percebidos, mas de uma forma não reflexiva, pois nos acostumamos a olhar a cidade com o olhar repetitivo, ausentando assim uma percepção maior sobre os objetos e as pessoas ao nosso redor.

Por morar em uma das ilhas da cidade de Belém, na ilha de Caratateua, mais conhecida como Outeiro. O centro da cidade de Belém é muito distante para mim. Antes de conseguir estar na universidade eu tinha muito tempo livre e gostava de explorar a ilha. Ao invés de sair para o centro de Belém, preferia ficar no local onde eu moro. Desde quando comecei a morar na ilha de Caratateua, nos finais de semana e quando tinha tempo livre, com frequência, andava de bicicleta com a intenção de conhecer melhor o lugar onde eu moro. Este hábito me fazia ver e perceber coisas que apenas passear uma vez ou outra por um mesmo lugar não me faria perceber, coisas como: as cores que se alteram durante o dia. No final da tarde o céu de um azul turquesa ou de um alaranjado exuberante, o degradê do azul ao violeta, das ruas com sua dimensão e vegetação própria onde em algumas, há asfalto, em outras há areia de praia, outras são apenas de lama e outras impossíveis de uma pessoa sem equipamentos para cortar mato consiga passar, além dos animais que vagam por lá, das casas inacabadas e de outras que foram destruídas e permanecem firmes e fortes como uma criança querendo brincar durante a aula. A

poluição contrastando com a beleza do rio e da busca por alimento dos urubus, objetos que em um dia estão em determinados lugares e no outro desaparecem de forma misteriosa, a erosão causada pela natureza que é potencializada pela ação dos seres humanos.

Durante essa fase eu registrava através da fotografia poucas coisas, pois acreditava, assim como Isidoro Valcarcél Medina (1994) que a melhor fonte de documentação, segundo ele: é a própria memória. Após entrar na Universidade comecei a não ter mais tempo para as minhas explorações rotineiras, após um tempo não havia mais condições de explorar Outeiro. De certa forma, isso me incomodou bastante, pois sentia a necessidade inexorável de querer explorar a ilha para descobrir e perceber as coisas além do óbvio.

Como isso, não estava sendo possível, comecei a desenvolver estratégias para continuar com minha percepção apurada, como eu já havia dito acima, minha residência é longe do centro de Belém, subtende-se que eu passo bastante tempo dentro de um meio de transporte que no caso é o ônibus, para chegar no centro da cidade. Durante as minhas viagens, comecei a perceber pequenos detalhes, principalmente quando havia congestionamentos, pois com o ônibus andando aos poucos e parando, eu poderia perceber detalhes que não havia percebido com o trânsito livre ou até mesmo ter certeza do que eu havia visto e mesmo o ônibus indo bastante rápido, eu procurava ver nos detalhes, algo além nele, percebendo enfim que a cidade conversa com cada um de nós e tendo a noção que o espaço urbano a cada dia que passa, se modifica, fazendo com que eu criasse uma outra relação com a cidade.

Essa relação aumentou ainda mais quando comecei a fazer um estágio no centro de Belém próximo ao mercado do Ver-o-Peso, pois ao acabar o expediente, eu deveria ir direto à universidade. Meu horário de saída era as 16h, as aulas na universidade começavam as 18:30. Geralmente, eu tinha condições de ir até lá através do transporte público, mas em geral eu ia a pé, por de fato gostar de ir andando. Eu só iria a universidade de ônibus se somente eu estivesse muito cansado para ir a pé. A distância era cerca de 4km, nessas caminhadas comecei a ir em caminhos pouco convencionais para se chegar ao meu destino e até mesmo ia pelos mais conhecidos para se chegar. Como eu tinha cerca de 2h30min para chegar a universidade, caminhava com pouca pressa, observa os detalhes que não eram vistos pelas pessoas ao meu redor, percebia a falta do ser humano em determinadas partes da cidade, mas também a beleza nessa ausência, me tornava um conhecedor da minha cidade.

Eu me surpreendia a cada rua que entrava pela primeira vez, a cada novo detalhe que descobria ao entrar pela mesma rua durante dias, percebia que o ambiente onde caminhava todos os dias era mutável: uma árvore que perdia as folhas, uma casa que foi demolida, um inseto que pousa próximo a uma porta, um papel grudado na parede que se desfaz com o tempo, alguém apenas sentado na calçada, uma ou novas pichações, fenômenos psicológico como a Pareidolia<sup>1</sup>, alguém que eu ainda não tinha visto por aquele caminho habitual, um animal caminhando pelas ruas ou me observando dentro da casa de seu dono. Reconhecia que a cada passo que eu dava, necessitava cada vez mais andar e dialogar com a cidade onde moro. Suprindo minha necessidade de aumento da percepção visual que havia perdido em Outeiro devido à falta frequente de exploração pela ilha.

Ao caminhar pela cidade, percebi que não bastava apenas eu perceber os detalhes e os detalhes dentro dos detalhes. Eu deveria registrar e capturar: Esses momentos únicos, essas conversas no presente e eternizar os detalhes e as poéticas. Não deveria guardar só para mim tais informações, tais percepções sobre a cidade, seria egoísmo demais, é como um músico não compartilhar sua música a alguém, como um desenhista que faz os desenhos apenas para o seu deleite pessoal. Eu deveria compartilhar esses detalhes com quem estivesse interessado. Mas como eu faria isso? É aí que a fotografia se apresenta.

A fotografia pode apenas ter apenas a função de registrar, assim como, fazer quem está a vendo a foto, ver com o olhar de quem fotografou, ou seja, além do registro ela expõe o olhar do fotógrafo também, ou fazer com que a pessoa tenha sua própria interpretação daquela foto. A fotografia pode servir como diário visual e nos estimular a fotografar mais, desta maneira, forçando a ampliar nossa visão e percepção sobre as coisas.

Comecei a fotografar com um celular que já não tinha mais uso comunicativo, servia apenas para saber as horas e estava em minha casa sem uso a algum tempo. Dei o nome desta ação de: “O Flâneur”, uma referência a Charles Baudelaire. Algumas dessas fotos, publiquei em um site de relacionamentos.

---

<sup>1</sup> Pareidolia “é a percepção equivocada de algo claro e distinto a partir de um estímulo vago e obscuro” (Maranhão-Filho & Vincent, 2009). Encontramos outra definição por Martín Aragus, Bustamante Martínez, Fernández-Armayor Ajo e López Gómez (2002), que caracterizam este fenômeno como a visualização involuntária e espontânea de uma percepção na qual a realidade e o sonho interagem. Estes autores também citam o fenômeno como fonte de inspiração de diferentes manifestações artísticas, assim como a base de algumas investigações psicológicas, como o teste de Rorcharch. (SIMAS, Maria Lúcia et al, 2011, p. 70)

Diante dessas relações que tenho com a cidade surgem as seguintes questões norteadoras da pesquisa: Qual é a percepção das pessoas sobre a cidade em seus percursos cotidianos? Por que caminhar pela cidade pode nos fazer ter uma percepção maior da cidade? Como a fotografia, sendo utilizada em uma experiência educativa, pode contribuir para melhorar a percepção do olhar sobre a cidade?

Diante dessas questões norteadoras, surge o objetivo geral dessa pesquisa, que é analisar processos de ampliação da percepção sobre a cidade em estudantes ou interessados em fotografia de rua a partir de uma ação educativa. Os objetivos específicos são: identificar quais aspectos os participantes da ação educativa mais se atraem ao estar pelas ruas da cidade, incentivar o olhar atento aos detalhes dos locais por onde as pessoas passam todos os dias e compreender a fotografia como uma aliada dos registros e potencializadora do olhar sobre a cidade.

Para isso, a abordagem a ser utilizada é a abordagem qualitativa.

Não se trata de montar um quebra-cabeça cuja forma final conhecemos de antemão. Está-se a construir um quadro que vai ganhando forma à medida que se recolhem e examinam as partes. O processo de análise dos dados é como um funil: as coisas estão abertas de início (ou no topo) e vão-se tornando mais fechadas e específicas no extremo. O investigador qualitativo planeja utilizar parte do estudo para perceber quais são as questões mais importantes. Não presume que se sabe o suficiente para reconhecer as questões importantes antes de efetuar a investigação. (BOGDAN; BIKLEN apud MOURA, 2013, p. 19).

Os métodos serão o bibliográfico, documental e o estudo de caso. Para coleta de dados será realizada uma oficina e se necessário uma entrevista com os participantes da oficina que irei fazer essa ação educativa.

No Segundo capítulo será abordado a fotografia mais no seu aspecto histórico, em relação ao registro das transformações da cidade, perceber melhor essas mudanças, principalmente a partir da era industrial da segunda metade do século XIX. Abordar brevemente sobre a percepção visual a partir da conotação de alguns autores e pensadores que são Vilém Flusser, Edith Derdyk. Também será abordado a fotografia e sua intencionalidade após o seu surgimento.

No Terceiro capítulo será abordado o estudo dos fotógrafos: Eugene Atget, Cyro Almeida e André Parente (autor da pesquisa) e de alguns de seus trabalhos, contando um pouco de sua história e contextualizando suas fotografias com espaço urbano.

No Quarto capítulo será abordado ação educativa, seu planejamento, execução, dificuldades, descrição e análise das fotografias depois da ação educativa.

No Quinto Capítulo será as Considerações finais desta pesquisa.

## 2 A FOTOGRAFIA E A PERCEPÇÃO VISUAL SOBRE A CIDADE

Século XIX, o século em que tudo o que era produzido era efêmero, tudo o que era feito, era para deixar de existir ou não fazer mais sentido posteriormente. Um período onde a vida era curta e infeliz, onde os trabalhadores passavam mais tempo em fábricas do que em suas casas, vivendo para trabalhar e não trabalhando para viver, deixando de aproveitar seu tempo com as pessoas que amava, conhecer e aproveitar a cidade onde se residia.

Nas fábricas os trabalhadores e trabalhadoras tinham um trabalho repetitivo e maçante, onde se produzia materiais que não tardaria, iriam ser substituídos por outros de pequena ou grande diferença, às vezes até extremamente similar. Segundo Karl Marx (apud BERMAN, 1986, p. 97)

[...] tudo que a sociedade Burguesa constrói é construído para ser posto abaixo [...], das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que as tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, as casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, as firmas e corporações que os exploram, as vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo as nações que as envolvem – tudo isso é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte e todo o processo possa seguir adiante, sempre adiante, talvez para sempre, sob formas cada vez mais lucrativas.

Marx foi capaz de perceber de forma macroscópica e microscopia a sociedade daquele século. Esse relato, acabou se tornando atemporal, se encaixando perfeitamente no século seguinte e na sociedade atual.

No século XIX o trabalhador sai do campo para a cidade levando consigo a esperança de conseguir um emprego e toda a sua família nesta jornada.

O século XIX foi o século das transformações. As cidades cresceram desordenadamente, o homem implementou mudanças em todas as esferas da sua vida. Sob a égide do sistema capitalista, a indústria e a nova economia destruíram os antigos laços familiares. Toda uma população desenraizada emigrou para as cidades, procurando vender sua mão-de-obra. Novas formas de organização urbana foram criadas com a intenção de ordenar o deslocamento de pessoas e mercadorias, adaptando as cidades ao capital e às suas necessidades. Seguindo o modelo das reformas de Paris, os núcleos urbanos converteram-se em sistemas homogeneizados. A lógica fria do capital passou a dar o tom dos acontecimentos e o homem atônito viu o mundo lhe fugir à compreensão. (COSTA; SILVA, 2004, p. 19.)



Como resultado disso, a sociedade deste período começou a enfrentar diversos problemas. Esses problemas transformou a vida dos trabalhadores do século XIX que estavam acostumados a um padrão de vida diferente nos campos. Além disso, foi o século onde as pessoas começaram a andar sempre com presa, a deixar de observar os lugares por onde passavam, lugares esses, que estavam em constante transformações e que não pararam de ser alterar até os dias de hoje, tanto para bem geral da sociedade quanto a prejudicar parte dela.

## 2.1 O PAPEL DA FOTOGRAFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

A fotografia surge:

[...] como um grande processo de meio de “duplicação” da realidade, a tão intentada busca pela exata semelhança que, além de ser uma forma de interpretação como o são a pintura, o desenho, a gravura e outras forma de representação visual anteriores, é principalmente um excepcional e inegável vestígio daquilo que representa. (MOURA, 2013, p. 22)

A fotografia no século XIX encontrou dificuldades em sua aceitação como expressão artística, segundo os autores Helouise Costa e Renato Silva (2004), no livro *A fotografia moderna no Brasil*:

[...] foi considerada como mera cópia do real ou simples documento. O seu estatuto existencial era tido como científico, sua vida estética negada. Na sociedade racionalista a aceitação da cientificidade da fotografia impedia a percepção da estruturação ideológica da imagem, negando a intervenção do homem no resultado final do processo fotográfico”. (COSTA; SILVA, 2004, p. 22).

Neste mesmo livro, argumenta-se o porquê da dificuldade em aceitar a fotografia como arte naquele século:

[...] além da absoluta identidade entre a proposta estética da fotografia e o desenvolvimento da sociedade, a dificuldade em aceitá-la como arte residia também no seu caráter revolucionário. Primeiro por sua linguagem fria e direta e pela sua democratização dos procedimentos técnicos e pela reprodutibilidade infinita da imagem que permitiu o acesso de um grande número de pessoas à arte e ao fazer artístico. Essas duas características não se adaptavam à concepção acadêmica de arte

vigente na sociedade do século XIX. (COSTA; SILVA, 2004, p. 22, 23.)

No final do século XIX a qualidade da imagem fotográfica, a democratização do aparelho fotográfico e a facilidade em se conseguir um registro fotográfico ficou mais fácil e barato.

[...] O que antes exigia conhecimentos específicos de física e química, tornou-se em procedimento corriqueiro, levado a cabo por um simples apertar de botão. “You press the botton, we do the rest”, anunciava o slogan publicitário de lançamento da Kodak.” (COSTA; SILVA, 2004, p. 27)

A fotografia no final do século XIX e durante o Século XX teve o importante papel de registrar as cidades e as pessoas que estavam se transformando devido a industrialização e a modernização, graças ao olhar atento e de preocupação de alguns fotógrafos, mas também como:

[...] uma lei que institucionalizava a documentação fotografia como um serviço de utilidade pública. No Século XIX as reformas urbanas eram frequentes e Napoleão III devido a abertura dos boulevard resolveu decretar essa lei para preservar, no mínimo em um papel fotográfico, a memória de paris antes do progresso que destruiria a cidade e suas memórias. (COSTA; SILVA, 2004, p. 24).

Eugène Atget é o primeiro fotógrafo que vem a mente quando o assunto é referente a fotografia documental e cidade. As fotografias deste período histórico tentavam de certa forma, imortalizar o momento, como uma lembrança, entretanto, sem ser efêmera, e sim eterna.

A câmera começou a duplicar o mundo no momento em que a paisagem humana passou a experimentar um ritmo de transformações vertiginoso: enquanto um número incontável de manifestações da vida biológica e social está sendo destruído, em breve espaço de tempo, surge um instrumento capaz de registrar o que está desaparecendo. (SONTAG, 1982, p.15).

## 2.2 A INTENCIONALIDADE DA FOTOGRAFIA

Imagens, segundo Vilem Flusser (1985): são superfícies que pretendem representar algo.

[...] Imagens são mediações entre homem e mundo. O homem ‘existe’, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entrepõem-se entre mundo e homem. (FLUSSER, 2011, p, 110)

Para podermos ver as imagens do mundo, é necessário um dos instrumentos da visão, que são os olhos.

[...] Os olhos são um dos instrumentos da visão. [...] A visão é, de fato, um processo que emprega diversos órgãos especializados. Numa primeira aproximação podemos dizer que a visão resulta de 3 operações distintas (e sucessivas): operações ópticas, químicas e nervosas. (AUMONT, 2002, p. 12)

É através desses processos que o ser humano pode ver as imagens da natureza. Entretanto, mais do que isso, ele é o único ser que consegue não somente ver, mas interpretar e dar significado as imagens que o cerca, em um ato único que nos diferencia dos outros animais, a nossa intencionalidade. Segundo Jacques Aumont: O Olhar é o que define a intencionalidade e a finalidade da visão. É a dimensão propriamente humana da visão.

[...] fazer significar e simbolizar (são) faculdades inerentes à natureza humana. Qualquer traço no papel, no muro, na areia, qualquer signo gráfico sobre qualquer suporte, imediatamente é humanizado pela simples presença do gesto ali expresso – índices de passagem dotados de intencionalidade. ” (DERDYK, 1990, p. 78)

A intencionalidade está presente em várias técnicas e suportes artísticos, dentre eles a fotografia se apresenta como provocadora, catalisadora e como forma de potencializar a percepção visual do ser humano, através de imagens.

As imagens produzidas pela humanidade antes da fotografia buscavam representar os seres humanos em sua maioria, através de retratos em pintura e desenhos. Seguindo uma linha de representação da realidade. Não que a fotografia não tenha também seguido tal linha de representação. Segundo Simone Moura:

A fotografia em seu momento inaugural teve uma intensa produção de retratos que ajudaram a conferir à sociedade burguesa da época o status de ter seus rostos, projetados e eternizados na sociedade, valor anteriormente reservado à nobreza em suas pinturas. (MOURA, 2013, p. 24)

A fotografia não se desprendeu desta função primordial da arte que era a representação da figura humana mas agregou novas formas de representação do mundo.

[...] com o advento da fotografia, a arte liberou desta função mais imediata, criando um certo desapego, da representação da figura humana e saiu em busca de novas investigações que a linguagem, agora, se propõe a empreender. (DERDYK, 1990, p. 78)

Na segunda metade do Século XIX a fotografia está voltada como fonte de documentação da memória das cidades que tinham sua estética alterada de forma frequente. Outra modalidade presente desde o início das práticas fotográficas, é a fotografia de cidades.

[...] O registro do cotidiano e suas transformações, assim como, de lugares ulteriores, distantes e desconhecidos, era tarefa primordial na sociedade da segunda metade do século XIX, a qual se encontrava em processo de crescente urbanização. O álbuns de cidade foram recursos encontrados pelos governantes da época para evidenciar as rápidas mudanças realizadas na urbe e apontar para construção de uma nova imagem da cidade, ligada a um ideal de modernidade advindo do progresso econômico e tecnológico que, no caso do Brasil, tentava deixar para trás os traços de um país colonial. (MOURA, 2013, p. 24)

### 3 A CIDADE E A PERCPÇÃO VISUAL DESSE ESPAÇO

A cidade é um lugar que está em constante transformações, fruto de processos estocásticos, seja pela ação dos seres humanos quanto da própria natureza. A definição de cidade segundo o dicionário é:

Complexo demográfico formado por importante concentração populacional não agrícola e dada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe. 2. O conjunto dos habitantes da cidade. 3. *Restr.* O centro Comercial. (AURELIO, 2003)

Além dessa definição, o espaço urbano pode ser tratado de forma poética através da intencionalidade. A forma de ver a cidade além do obvio vai depender das vivências e experiências de quem a está observando, aproveitar o pouco tempo que se tem para observar a cidade: o caos, a beleza e a fusão dos dois.

As nossas vivências e experiências estão relacionadas com as nossas memórias juntamente com a intencionalidade ao se atentar para a cidade.

É por meio dos recursos elaborativos da memória que somos capazes de constituir um entendimento dos lugares onde vivemos ou visitamos. É na prática cotidiana de deslocamento nas cidades, associada às vivências e significados agregados a estas que formamos uma certa imagem dessas cidades, nossos conceitos relativos a elas, assim como mapas mentais para movermo-nos nelas, traçando nossos próprios e diferenciados percursos em ambientes citadinos que nos apresentam-se complexos e plurais. (MOURA. 2013, p 31.)

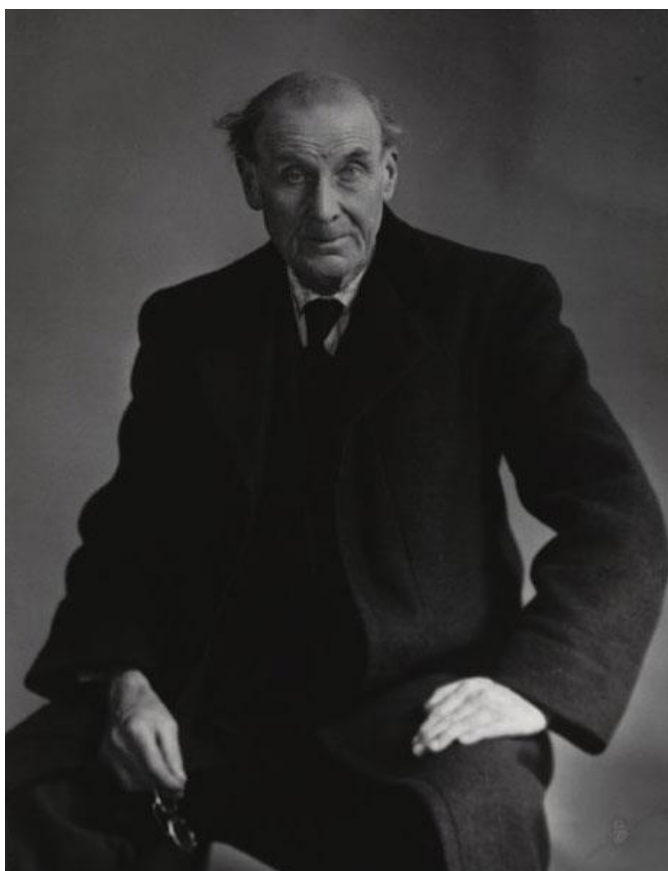
As constantes mudanças da cidade são, por muitas das vezes não percebidas, devido ao chamado “Corre-corre” da cidade, onde muitas pessoas saem de suas casas para se amontar em um veículo do transporte público sucateado, sujo, barulhento e de mal odor que geralmente não apresenta uma qualidade em relação ao preço cobrado da passagem. As pessoas podem ficar horas em um trânsito caótico com o objetivo de chega em algum lugar onde se faz alguma função para ao final do mês receber papéis coloridos que podem ser trocados por produtos efêmeros que por consequência nos cause uma felicidade efêmera.

Esses antolhos do objetivo de alcançar a felicidade efêmera por meio da troca de papéis coloridos por produtos efêmeros, faz com que os seres humanos deixem de perceber pessoas e detalhes da cidade que vão além do obvio.

As formas intrínsecas de ver e representar o espaço urbano desde a segunda metade do século XIX são feitas, por Fotógrafos, não exclusivamente por eles, mas estes, se utilizaram de um olhar aguçado sobre a realidade que o cerca, trazendo a tona assuntos que tratam de memória a conceitos de felicidade.

### 3.1 A CIDADE NAS FOTOGRAFIA DE EUGÈNE ATGET, CYRO ALMEIDA E ANDRÉ PARENTE

Imagem 1 - Retrato de Eugène Atget, 1927. Gift of Maria Morris Hambourg.



Fonte: <https://www.moma.org/artists/229>

Eugène Atget nascido na França no ano de 1857 com falecimento datado no ano de 1927, foi Ator, pintor e fotógrafo. Atget desprezava a captura da figura humana e valorizava os registros da cidade.

Fotógrafo pouco conhecido em seu tempo, Eugène Atget (1857 – 1927) desistiu da carreira de ator e pintor e, em 1888, enveredou pela fotografia. Nessa época registra-se um interesse crescente pela velha Paris, aquela que aos poucos vai se apagando, com o crescimento da

metrópole moderna. Atget a documenta prestando seus serviços a artistas, a colecionadores e a instituições governamentais. No entanto, sua fotografia é frequentemente, interpretada como descompromissada, dando pouca importância à perfeição técnica e voltada a criar uma percepção do espaço pictórico (KRASE, 2000, p.81).

Atget tinha como característica, a fotografia do vazio, ocultando a presença das pessoas, era como se a presença do ser humano na cidade fosse um empecilho para a representação do espaço urbano. Atget, através de suas fotografias, de forma inegável valorizava as ruas, os prédios, construções da cidade que em muitas das vezes era de uma simetria agradável.

[...] Atget costumava sair antes do amanhecer para fotografar, com as primeiras luzes do dia, as casas, as edificações, as ruas e as vielas ainda desertas.(...) Para que o rosto, a fisionomia, a subjetividade da cidade viessem à tona, ou seja, para que Paris se revelasse como sujeito, e que a cidade fosse retratada, era preciso esvaziá-la dos seus habitantes. (PARDINI, 2013, p. 4)

Imagem 2 - Rue Guerin Boisseau (2e) 186 R.S. Denis, 1907. Eugène Atget



Fonte: [http://www.luminous-lint.com/\\_\\_\\_phv\\_app.php?/p/Eugene\\_\\_Atget/](http://www.luminous-lint.com/___phv_app.php?/p/Eugene__Atget/)

Além da sua perceptível predileção pelo ausente Atget em muitas ocasiões fotografou vitrines de lojas e seus manequins, que ele, relacionava com a burguesia a qual o mesmo, não tinha admiração.

[...] É bem conhecida a maneira como Atget evita fotografar a burguesia francesa, como se esta não possuísse o estatuto ontológico dos seres críveis, dotados de carne e osso. As raras capturas dessa classe denegada se dá através de seus simulacros manequins: Senhoras de andar afetado, crianças detestáveis de braços abertos, sorrisos cadavéricos de vulgares *dândis*, são todos registros de personagens que parecem saídos do estúdio de um taxidermista: Espécimes de cujo interior se retiraram as vísceras e se preencheu o oco de seus corpos com formol e serragem. (YABARS, 2012. Online)

Imagem 3 - Coiffeur Avenue de l'Observatoire, 1926. Eugène Atget



Fonte: [https://www.flickr.com/photos/george\\_eastman\\_house/3701259341/in/photolist-6D4Vse/lightbox/](https://www.flickr.com/photos/george_eastman_house/3701259341/in/photolist-6D4Vse/lightbox/)



Imagem 4 - Retrato Cyro Almeida



Fonte: <http://flac.art.br/artistas/cyro-almeida/>

Cyro Almeida nasceu em 1984, provém da cidade Axáira em Minas Gerais. O artista de acordo com o site <http://www.cyroalmeida.com> é: fotógrafo documentarista, artista visual e professor de fotografia. Graduado em psicologia pela UFMG, desenvolve atualmente mestrado em comunicação social na mesma universidade.

Cyro Almeida tem como referência fotógrafos que tratam a cidade de forma não apenas documental, mas com certa poética e com intencionalidade única que nos faz refletir sobre o cotidiano e a nós mesmos, além da extrema beleza de seus trabalhos, fotógrafos esses que são: Luiz Braga e André Cypriano. Algumas das características fotográficas de Cyro são: Uma intencionalidade diferenciada no ato fotográfico aos estereótipos empregados pela sociedade ante as periferias da cidade, a importância com o outro, mescla os gêneros fotográficos de retrato e fotografia de rua, a capacidade de juntar paz e caos nelas, dando harmonia e desarmonia estética através das cores e elementos em segundo plano, simetria precisa e de trazer a tona questões sociais.

Imagem 5 - S/ Titulo, 2011. Cyro Almeida



Fonte: <http://www.cyroalmeida.com/arupa/index.php/pequena-rota/>

Em alguns de seus trabalhos destaco a exposição Individual: “Isolamentos e Fluxos” pois nela as fotografias que o artista expõe deixa claro todas essas características. As fotografias que estavam em exposição foram feitas nos bairros de São Brás, Guamá, Condor, Jurunas e Cidade Velha. A exposição aconteceu no Banco da Amazônia em Belém no período de 18 de abril a 15 de junho de 2018.

O ato fotográfico se torna para muitos artistas, para além da imagem fotográfica realizada como resultado, um exercício de contato e conhecimento do outro. É dessa experiência essencial que a fotografia vem modificando a tradição da fotografia de rua e do retrato. Cyro Almeida faz um cruzamento hábil desses dois gêneros quando percorre os bairros São Brás, Guamá, Condor, Jurunas e Cidade Velha, Num percurso cujas extremidades abrigam os mercados de São Brás e do Ver-O-Peso. [...] Isolamentos e fluxos reflete de certo modo o trajeto, as paradas, os tempos em que é possível estar com o outro, as outras dinâmicas de aceleração da cidade que não estão no discurso sobre a violência iminente e que, na contracorrente, propõe um ensaio que refaz

o sentido da tradição – o retrato, a fotografia de rua – e avança no que pode ser elementar no trabalho que é a fotografia como ação realizada com o outro. (KLAUTAU FILHO, 2018)

Imagem 6 - S/ Título, 2011. Cyro Almeida



Fonte: <http://www.cyroalmeida.com/arupa/index.php/pequena-rota/>

Imagem 7 - Retrato de Luiz Braga



Fonte: <http://www.luizbraga.fot.br/bio.html>

Luiz Braga nasceu no ano de 1956 na cidade de Belém no estado do Pará, o mesmo é fotógrafo e segundo o site: <http://www.luizbraga.fot.br/>: Luiz Braga teve seu primeiro contato com a fotografia aos 11 anos de idade. O mesmo é formado em arquitetura mas nunca exerceu essa profissão.

Luiz Braga é um fotógrafo de rua que atua como *flaneur*. O mesmo tem um olhar atento as pessoas e dos lugares por onde percorre, suas fotografias são mediações entre natureza e o ser humano, valoriza as cores naturais mesclando com a presença humana ou não, em certas fotografias dando um tom ficcional e surreal, além da percepção visual versátil e única sobre o espaço urbano, que além de encantador é reflexivo, sendo seu trabalho fotográfico uma arte que vai além da Arte retiniana.

Luiz Braga é esse errático *flaneur* que caminha pela região em busca de uma sensação visual presente na cultura popular, que registra com sutileza e delicadeza, para arrastar o leitor para um mundo simples e desconhecido. Com refinamento, ele sabe utilizar todo o aparato técnico com apuro e discernimento. Com suas cores saturadas e tons harmônicos, ele assume uma fantástica visão para evidenciar uma luz misteriosa que estimula a imaginação. Experimental na técnica e clássico no enquadramento, Braga é um artista atento, que questiona as fronteiras entre realidade e ficção com encantamento. A ausência de filtros corretivos para balanceamento das cores, as exposições prolongadas e outros 'acidentes' são incorporados no seu processo de trabalho para transformar a paisagem banal em puro deslumbramento. (PARÁ, 2002, p. 16)



Imagem 8 - Tajás, 1998. Luiz Braga



Fonte: <http://www.luizbraga.fot.br/cor.html>

Imagem 9 - Ponta d- areia, 1988. Luiz Braga



Fonte: <http://www.luizbraga.fot.br/cor.html>

Imagem 10 - Retrato André Parente



Fonte: Própria (2016)

André Parente nasceu na cidade de Belém no estado do Pará no ano de 1994. É Artista, Musico e atualmente é estudante do curso de Artes visuais e tecnologia da imagem.

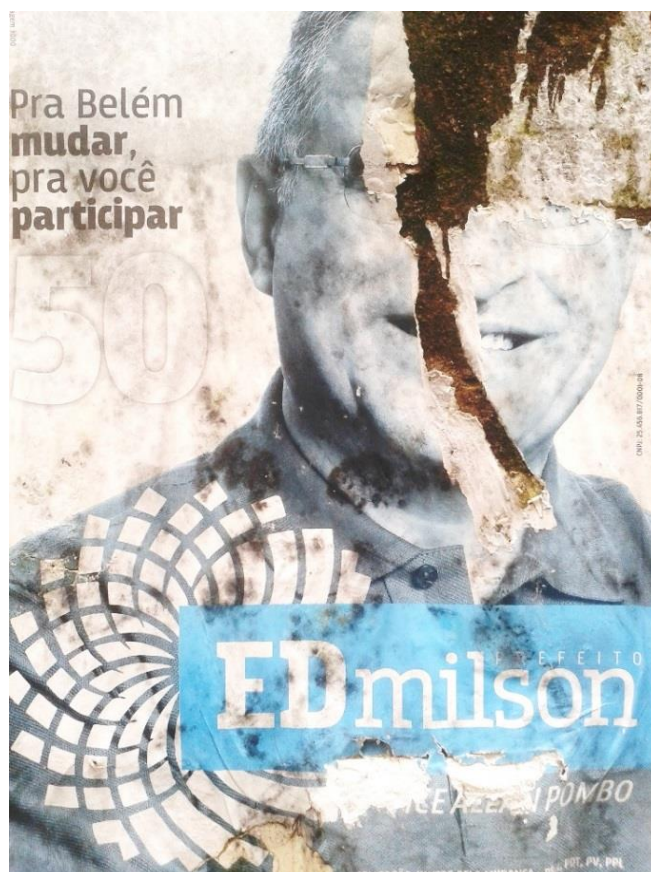
Em minhas fotografias, atualmente tenho como referência os trabalhos fotográficos de: Eugène Atget, Cartier Bresson, Ana Morkazel e Ana Lira. Essas referências são mutáveis, não no sentido delas serem substituídas, mas com o pensamento de que as referências se acumulam. Logo, as referências ditas a pouco, não são uma máxima, mas sim, assim como a vida, parte de uma espiral. Como resultado dessas referências inacabadas surge as minhas características fotografias que são extremamente mutáveis. Eu não apresento um padrão fotográfico, ou seja, não tenho, de certa forma, um olhar, uma intencionalidade eterna direcionado sobre determinado objeto ou questão, o sentido do meu ato fotográfico é efêmero e mutável. As vezes o sentido desse meu ato fotográfico não tem sentido para mim, mas sei que determinada imagem pode ter sentido à outra pessoa. Acredito que tudo o que aparentemente não tem uma função, pode ter uma ou várias funções, tudo é passível de ser um readymade, inclusive imagens fotográficas.

Eu gosto de roubar a realidade aparentemente imperceptível, agindo como um turista, um estrangeiro em seu próprio habitat, me permitindo enxergar a cidade onde moro de forma intuitiva, atenta, poética, ficcional e sem antolhos. Extraindo desde o belo, ao caos e a mistura dos dois. Explanando isso através de imagens de paredes descascadas associando a pareidolia, O registro do inesperado, aquilo que não se faz ideia do que vai

ver e perceber; as vezes com uma intenção específica, fotografia do vazio, ausência da presença humana, lugares destruídos e de cadeiras.

Através das minhas fotografias, eu trato de forma documental e também poética a realidade que me cerca tratando desde sentimentos como a saudade e a melancolia à questões sociais, culturais e patrimoniais. Para fotografar eu não utilizo câmera fotográfica convencional, mas apenas o meu aparelho telefônico.

Imagem 11 - Momento Ana Lira, 2017. André Parente



Fonte: Própria (2017)



Imagem 12 - A cor do teu batom, 2017. André Parente



Fonte: Própria (2017)



## **4 OFICINA: FOTOGRAFIA DE RUA – UMA FORMA DE EXPANSÃO DA PERCEPÇÃO VISUAL SOBRE A CIDADE**

### **4.1 O PLANEJAMENTO**

A oficina de fotografia de rua – Uma forma de expansão da percepção visual sobre a cidade, surgiu com a intenção de exercitar o ato fotográfico através da câmera do celular, juntamente com a proposta de expansão da percepção visual da cidade.

Foi planejado que a oficina iria acontecer na Galeria de Arte Benedito Nunes no dia 24 de novembro de 2018 às 11:30 com término previsto para 12:30. Entretanto devido a questões burocráticas a ação educativa não iria poder ocorrer no dia planejado. Então, eu decidi fazer a oficina em um espaço aberto, pois assim, acredito eu, seria a forma mais eficaz de efetuar a proposta triangular.

A proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura de obra de arte e contextualização. (BARBOSA, Ana, 1998, p. 33)

O fazer artístico seria as fotografias feitas pelos estudantes no final da oficina, a apreciação seria quando eu mostraria exemplos de fotografia de rua e a crítica seria a análise dessas fotografias por eles.

A ideia me agradou, pois, o ato fotográfico e de observação da cidade feita na própria cidade, na própria rua, fazia mais sentido do que em um espaço fechado. Tomada a decisão que a oficina iria ocorrer em um ambiente urbano, outro problema surgiu: Onde eu iria exatamente fazer essa oficina? Na calçada de uma rua qualquer? Em uma feira? Ou em uma praça?

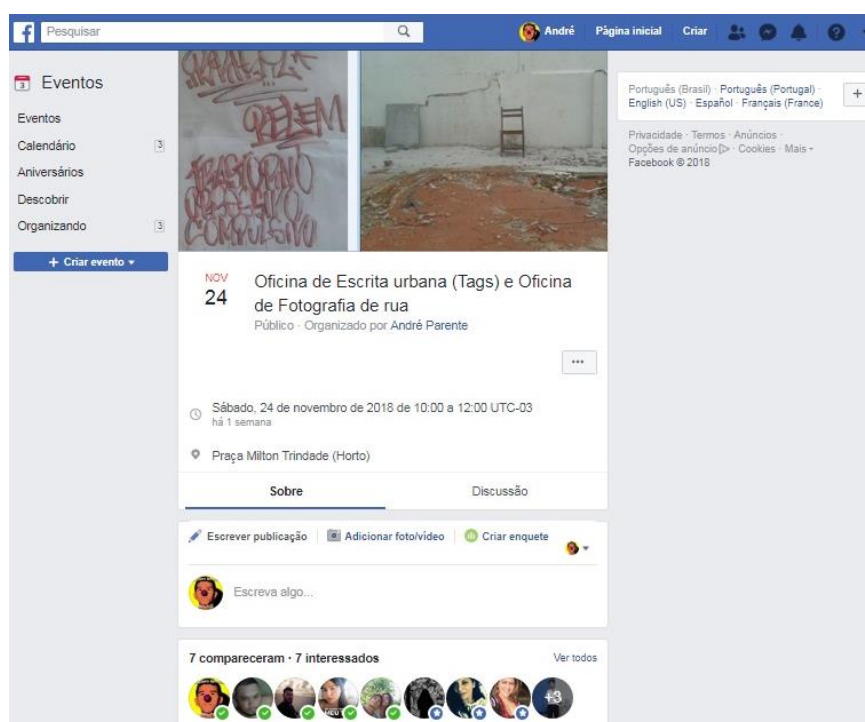
A ideia da oficina ser feita em uma calçada em alguma rua, foi a primeira a ser descartada pois, muitas pessoas iriam passar próximo a mim e aos participantes a todo instante, atrapalhando a concentração deles e a minha. Também a questão da segurança foi um fator que pesou no descarte. Sobre a oficina ser realizada em alguma feira, a ideia também foi descartada, além dos possíveis problemas já citados acima a feira é um local extremamente barulhento o que iria também atrapalhar a oficina. Quando se pensou em uma praça tudo pareceu se encaixar: As praças dependendo do dia, é um ambiente silencioso, há policiamento em algumas das praças da cidade e dependendo do dia pode

haver pouco movimento nela, além do que, existe algumas praças que há proteções contra o sol e a chuva. Após decidir que a oficina seria realizada em alguma praça, o problema foi escolher qual praça. Para a realização da ação educativa foi pensada em 3 praças da cidade de Belém. Praça da República, batista campos e Milton Trindade conhecida também como horto municipal. Dentre essas 3 a escolhida foi a praça Milton trindade devido ela ter uma importância pessoal e por a mesma ser tranquila, poucas pessoas, pouco barulho e lugares confortáveis, com clima agradável onde a oficina poderia acontecer.

Os Objetivos da oficina eram os de Exercitar o ato fotográfico, incentivar o ato de caminhar pela cidade e o olhar atento aos detalhes dos locais por onde as pessoas passam todos os dias, compreender a fotografia como uma aliada dos registros e potencializadora do olhar sobre a cidade. Tendo como público alvo Estudantes ou interessados em fotografia de rua a partir de 16 anos, com número máximo de 8 participantes devido ao espaço da praça onde foi realizada a oficina.

O convite para chamar participantes para a oficina foi feito através de um evento em uma rede social (Facebook) aceitando pessoas que queriam participar. Foi descrito no evento: Data, hora e o número máximo de participantes. 7 pessoas confirmaram presença, enquanto que outras 7 demonstraram interesse.

Imagem 13 - Print da página do evento criado no Facebook



Fonte: <https://web.facebook.com/events/513928685756942/>

No dia 22 de novembro de 2018 foi pensada as seguintes etapas de execução da oficina: Inicialmente será abordado alguns gêneros fotográficos, que são estes: Fotojornalismo, Fotografia expandida, fotografia de arquitetura e fotografia Urbana.

Em seguida falarei da fotografia urbana contando como foi o seu surgimento. Depois disso darei exemplos de alguns fotógrafos juntamente com os seus trabalhos que servirão como difusores da proposta de expansão da percepção visual através da fotografia de rua, que serão expostos para os participantes da oficina, contando um pouco de sua história e suas características artísticas. Os fotógrafos serão respectivamente: Eugene Atjet, Cyro Almeida e André Parente.

Após falar sobre alguns fotógrafos eu, juntamente com os participantes da oficina, iremos fazer uma saída fotográfica para exercitar o olhar sobre a cidade depois dos conhecimentos compartilhados na oficina. Posteriormente isso os participantes da oficina devem retornar ao local de encontro da praça. Eu irei criar um Instagram coletivo, para que as fotografias de rua dos participantes após a oficina sejam postadas assim se desejarem. Fazendo desta maneira a tentativa de estimular o ato fotográfico de todos que participar

#### 4.2 A REALIZAÇÃO

A oficina de “Fotografia de rua” – Uma forma de expandir a percepção visual sobre a cidade” contou com a participação de 4 pessoas, a ação educativa iniciou as 11:30h da manhã.

Eu cheguei na praça Milton Santos 09h da manhã. Antes do início da oficina tive um pequeno problema com meu netbook, o equipamento não estava a funcionar, tentava ligar o mesmo, não funcionava, até que em uma das tentativas eu consegui ligar o mini computador portátil e o deixei ligado a espera dos participantes que confirmaram presença e que demonstraram interesse no evento criado na rede social “Facebook”.

Os participantes não chegaram juntos. O primeiro a chegar foi um rapaz que aqui chamarei de “participante 1”, não tardou a chegar uma moça que chamarei de “participante 2” e passado algum tempo, um casal “participante 3 e participante 4” chegou ao local onde iria acontecer a oficina. Após todos os participantes se acomodarem em seus lugares eu me apresentei, e em seguida apresentei a oficina, falando do que se tratava e qual era o seu objetivo. Logo após isso abri o programa power point onde estava o slide que havia feito para a oficina. A partir deste momento comecei a oficina, primeiro

comecei a falar de alguns gêneros fotográficos, instigando os participantes a dar a sua opinião sobre os gêneros fotográficos, perguntando se sabiam do que se tratava se já haviam ouvido falar e se não sabiam ou nunca tinham ouvido falar dar a sua opinião sobre o que talvez poderia significar. Depois de fazer esse processo com cada gênero fotográfico. Eu comecei a explicar o que de fato representava e dava um exemplo de fotografia por gênero fotográfico, exceto a de fotografia de rua, pois iria falar de forma mais abrangente deste gênero juntamente com exemplos de artistas e suas fotos. O Gêneros apresentados foram: Fotojornalismo, Fotografia Expandia, Fotografia de Arquitetura e por último a Fotografia urbana.

Após explicar o último gênero fotográfico que era o da fotografia de urbana eu falei como aconteceu o seu surgimento, explicando o momento histórico de sua existência, explicando que antes da fotografia urbana a forma de representação que ela servia era para retratos. Com a fotografia urbana passou-se a representar a cidade, principalmente pelo fato de que a cidade estava em constante transformações e a fotografia urbana serviu como registro do que um dia iria desaparecer. Contextualizei com presente, para que os participantes pudessem compreender que esse processo de transformações desde quando começou nunca mais parou, casarões, praças, ruas, áreas verdes seja por importância pessoal ou cultura estavam fadadas ao fim, exceto alguns prédios tombados pelo Iphan e que sem o registro do que era as próximas gerações talvez nunca saibam como era aquele lugar e as vezes, talvez, as pessoas que viviam naquela época não se lembrem mais exatamente como era tal lugar. Além dos registros, a fotografia urbana não serve apenas para registrar os fatos como no gênero fotográfico do fotojornalismo, A fotografia urbana visa através da fotografia expressar a intencionalidade, a visão intrínseca do fotógrafo sobre a cidade e de quem faça parte dela.

Após esse primeiro momento da ação educativa, comecei a falar sobre os 3 fotógrafos que incluí no plano de oficina. O primeiro foi o Fotógrafo Eugène Atget. Conteí a todos que ele é considerado um dos primeiros fotógrafos de rua e falei sobre as características de suas fotografias que são: A fotografia do vazio, de objetos inanimados e fotos em perspectiva. Em seguida mostrei duas fotografias dele a primeira foi esta:

Imagem 14 - Pont Neuf Entree de la Place Dauphnie, 1899 – 1900. Eugène Atget



Fonte: [http://www.luminous-lint.com/\\_\\_\\_phv\\_app.php?/p/Eugene\\_\\_Atget/](http://www.luminous-lint.com/___phv_app.php?/p/Eugene__Atget/)

Deixei os participantes observarem um pouco a fotografia, em seguida falei que como havia dito anteriormente, algumas das características das fotografias de Atget estavam expressas nessa foto. Este lugar onde ele fotografou parece vazio, apenas com uma pessoa solitária, Atget fotografava construções e detalhes que provavelmente iriam ser desfeitos em prol do progresso. Construções que são demolidas em prol do progresso acontecem até hoje de forma frequente, fazendo com que a fotografia seja o comprovante de que aquela casa, prédio, ambiente de fato existiu, onde é possível contar qual era a sua função, e importância pessoal. Um exemplo recente disso aqui em Belém está sendo a rede de farmácias Big ben, que em janeiro de 2018 fechou mais de 30 lojas. As construções que um dia pertenceram a essa rede de farmácia, agora estão em posse de outras redes de farmácias ou outros negócios, que destroem uma construção com características próprias e uma identidade visual conhecida por acredito eu, por boa parte da população de Belém, para dar lugar ao progresso de outros estabelecimentos, destruindo a história e o valor simbólico que muitas daquelas lojas representavam para cada pessoa.

Após contar a eles sobre a fotografia de Atget e relacionar com a rede de farmácias Big ben, perguntei aos mesmos se não havia algum lugar onde para eles, tinha uma importância pessoal ou em geral para as pessoas. Todos responderam que sim mas

ninguém quis comentar qual era o local. Após essa reflexão passei para a próxima fotografia de Eugène Atget:

Imagem 15 - Magasins du Bon Marche, 1926 - 1927. Eugène Atget



Fonte: [https://www.flickr.com/photos/george\\_eastman\\_house/3701259607](https://www.flickr.com/photos/george_eastman_house/3701259607)

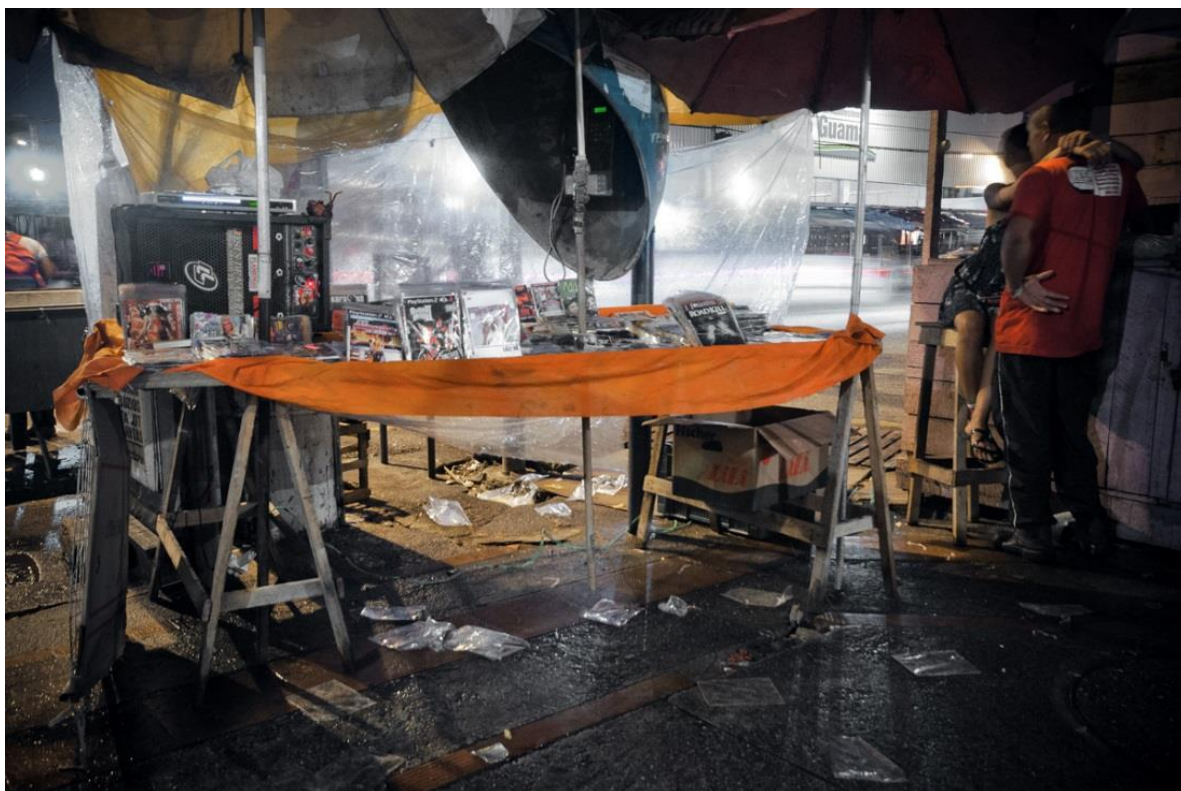
Nessa fotografia pedi para que eles me dissessem que característica da fotografia de Eugene estava presente nela, dois participantes responderam que era a de fotografar objetos. Eu afirmei com a cabeça e disse alto e bom tom: Exatamente! Em seguida contei a todos que além dos objetos que eram os manequins, o fotógrafo também conseguiu, através do reflexo do espelho fotografar parte de um prédio. O mesmo conseguiu 2 fotografias em uma: 1. A fotografia dos manequins, que parecem ser pessoas de fato, e que podemos refletir a cerca disto relacionando os manequins como se estivessem mais felizes do que as pessoas fora da vitrine por estarem usando aquilo que as pessoas desejavam. 2 A imagem das construções no reflexo da vitrine.

Em seguida falei do fotógrafo Cyro Almeida, contando suas características fotográficas e sobre duas fotografias da exposição Isolamentos e fluxos, expliquei que



essa exposição se tratava de fotografias realizadas em cinco bairros de Belém nos anos de 2011 e 2018. Essas fotografias foram feitas nas ruas e feiras de Belém, e tinham como objetivo trazer à tona a reflexão de questões sociais como a segurança pública, saneamento básico, trabalho e renda, qualidade de vida, conceitos de felicidade, satisfação pessoal e completude da alma. Essas informações obtive através do catálogo desta exposição. A primeira fotografia foi esta:

Imagem 16 - S/ título, 2011. Cyro Almeida



Fonte: <http://www.cyroalmeida.com/arupa/index.php/pequena-rota/>

Antes de perguntar aos participantes o que estava presente nesta fotografia, o participante 3 comentou que essa foto era do bairro do Guamá, eu disse a ele que estava certo, o mesmo afirmou não lembrar que existia a tal barraca de dvds presente na fotografia, foi então que, comecei a explicar que as fotografias da exposição “Isolamentos e fluxos” não foram feitas em um mesmo ano. Por exemplo essa fotografia foi feita em 2011. Como dito anteriormente a cidade não para de se transformar, logo, provavelmente, ou ele não havia percebido ainda tal barraca ou ela deixou de existir antes mesmo que ele a percebesse, depois de falar isso voltei a discursão de que a cidade é um espaço efêmero e de constantes transformações, após dito isso perguntei aos participantes o que eles

estavam vendo nestas fotos, então todos analisaram um pouco a fotografia e falaram que havia uma banca de dvd, lixo no chão e um casal se abraçando. Após eles descreverem o que viram eu comecei a falar: Por quê há amor e Caos tudo em uma só fotografia? A participante 2 respondeu que o amor é representado pelo casal e o caos pelo ambiente em si, no qual o casal está inserido. Respondi a ela que era exatamente isso: O amor era representado pelo casal e o caos pela organização dos dvds,, pelo chão sujo e pelo movimento carro. A feira por onde muito de nós passamos por algumas vezes é extremamente caótica, as vezes é algo que está no nosso cotidiano, mas para quem passa todo dia por ela pode ser pode parecer comum, mas se pararmos um pouco e analisar aquele momento, aquele lugar, iremos perceber que há uma mistura de elementos, tudo em um mesmo local, coisas assim são comum em nosso cotidiano, lugares próximos de nossa casa, a própria rua onde moramos se pararmos para analisar é única. Frequentemente passamos por vários lugares, mas sempre com pressa de chegar a algum lugar, isso nos impede de perceber tais coisas. A segunda foto foi esta:

Imagem 17 - S/ título, 2017. Cyro Almeida.



Fonte: <http://www.cyroalmeida.com/arupa/index.php/pequena-rota/>



Quando passei o slide para essa fotografia, todos pareceram mais interessados nela. Perguntei a eles o que eles estavam vendo eles responderam: Um garoto, dois cachorros e uma mulher com um carrinho de bebe. Após a pergunta ser respondida, a participante 4 começou a falar que: essa fotografia era uma imagem triste, porém feliz. Perguntei a ela o motivo dela achar isso, a mesma me respondeu que é devido as condições na qual eles se apresentavam, a casa era de madeira e parece bastante precária, o chão estava sujo e mesmo assim, a mulher da foto estava sorrindo e o garoto também parece estar bem como se as dificuldades não parecessem afetar a elas ao ponto de lhe deixarem triste. Após a mesma expurgar sua opinião, eu fiz um questionamento a eles: o que é felicidade nos dias atuais? É sair de casa e ir rumo ao trabalho para conseguir papeis coloridos para trocar por coisas efêmeras? É ter uma “casa boa” em um “bairro bom”? Ou é estar com as pessoas que nos importamos? Os participantes relataram que essa cena é algo muito comum para eles, como disse o participante 1: “Quando eu ando pelo meu bairro sempre tem alguém na frente de sua casa sentada olhando para rua, mas eu nunca tinha parado para pensar nessas questões.” Eu, então falei para eles que é exatamente isso, que as vezes essas cenas naturais que vemos e estamos acostumados, se forem vistos com outro olhar acabamos tendo outra visão da rotina e a fotografia é capaz de nos proporcionar isso, como vocês mesmo puderam perceber. As vezes o que é comum para nós, ao olhar do outro, é outra realidade.

Antes de passar para o próximo slide, perguntei aos participantes se até aquele momento eles haviam gostado das fotografias, todos responderam que sim de forma animada.

O slide seguinte era sobre mim, “André Parente”, eu informei que minhas fotografias são feitas pelas minhas andanças pela cidade tentando não ser tragado pelo antolho da pressa e as minhas características fotográficas que são: O registro do inesperado, aquilo que não se faz ideia do que vai ver e perceber, as vezes com uma intenção especifica, fotografia do vazio, ausência da presença humana e geralmente com o enquadramento bem determinado. Após feito isso fui para o próximo slide que era da minha primeira fotografia a ser apresentada a eles:

Imagem 18 - S/ título, 2017. André Parente



Fonte: Própria (2017)

Quando essa imagem apareceu na tela do netbook, a participante 2 disse: “É realmente bem enquadrada essa foto”. Eu ri e agradei pelo comentário, em seguida perguntei a eles onde eles achavam que foi feita essa fotografia? Alguns não responderam, apenas balançaram a cabeça de forma negativa e a participante 2 arriscou dizendo que foi no centro. A mesma acertou, expliquei a eles que esta fotografia foi feita próxima a praça batista campos na rua Manoel Barata. Este lugar que fotografei era uma residência que estava sendo totalmente demolida. Contei a todos que eu havia saído do lugar onde eu estava estagiando e comecei a caminhar rumo a universidade, um dos caminhos que escolhi para o meu objetivo foi a rua Manoel Barata, durante a minha caminhada me deparei com a casa praticamente demolida, não havia mais muro, ou paredes que dividissem os cômodos da residência que existia naquele local, apenas algumas partes das lajotas do chão ainda permaneciam. Ao ver tal cena fiquei encantado com a beleza da destruição e me perguntando se eu já havia reparado nessa casa antes dela ser demolida. Abandonei o pensamento sobre lembrar se já havia notado a casa antes da destruição e resolvi entrar no terreno destruído, quando estava próximo a parte final do que um dia foi um lugar para morar, me deparei com uma cadeira em meio a lajotas quebradas, arames, areia e destruição, aquilo me chamou a atenção pois era de certa forma ao meu ver, a

presença de alguém em um objeto. A cadeira é feita para se sentar, se esta cadeira não tem ninguém para ficar nela, ela perde a sua função original. No caso eu dei a essa cadeira a função da representação imaginária de que alguém que morava nesta casa, poderia estar sentada agora nesta cadeira. Nesta fotografia eu quis representar isso e a questão da memória, tudo o que aquela casa significava para alguém deixou de existir, todos os momentos pelos quais uma família passou ali agora não passa de escombros. Tendo passado algumas semanas passei novamente pelo mesmo local, O lugar demolido havia dado lugar a um estacionamento de carros e motos, nada mais, nada menos.

Além deste relato reflexivo, ainda busquei mais reflexão dos participantes. Os instiguei a pensar, falando que isso aconteceu com uma casa que não tinha um valor cultural geral para a sociedade, mas imaginemos se isso acontecer com locais que tenham. Poderíamos perder parte da nossa história para dar lugar a lugares que tenham apenas interesses capitalistas. E esses lugares não poderiam nunca mais ser vistos, a não ser que alguém os tivesse registrado através de uma fotografia, ou até mesmo ajudado a impedir a demolição a por meio de uma foto. A foto seguinte foi essa:

Imagem 19 - S/ título, 2017. André Parente



Fonte: Própria (2017)

Comecei perguntando a todos o que eles estavam vendo nesta fotografia. A participante 4 respondeu que estava vendo mapas, enquanto que o participante 3 descreveu que estava vendo apenas uma parede descascada e os participantes 1 e 2 responderam que estavam vendo um rosto humano. Conteí a eles que eu particularmente via um guerreiro pois para mim parecia alguém segurando um escudo, todos riram, inclusive eu, depois informei a eles que esse era o meu olhar sobre essa parede descascada assim como o olhar de cada um de vocês, em seguida expliquei a eles o fenômeno psicológico que nos faz enxergar formas em objetos como por exemplo em tomadas, nuvens, paredes descascadas e etc. O nome desse fenômeno é conhecido como Pareidolia. Depois disso, informei a todos que é possível se atentar para a cidade e ver que as paredes descascadas assim como outros objetos podem estar por toda parte da cidade, inclusive nas ruas onde eles moravam, nos bairros próximos e até nos ônibus. E nós poderíamos achar nessas paredes descascadas padrões que poderiam ter um significado maior do que uma simples parede descascada.

### 4.3 A FINALIZAÇÃO

Após ver a imagem que trata sobre a pareidolia, passo para o último slide onde está um pequeno texto feito pelo Banco da Amazônia no ano de 2018 no catálogo da exposição “Isolamentos e fluxos”, exposição que aconteceu neste banco na Avenida Avenida Presidente Vargas, nº 800 no bairro da Campina, na cidade de Belém.

A vida é um conjunto de fluxos e isolamentos. É um encadeamento de encontros e desencontros, segue um ritmo frenético do vai e vem urbano. Mas há momentos em que se faz necessário parar, abster-se desse corre-corre e olhar ao redor para analisar sua realidade e a si mesmo em todo seu contexto. (Banco da Amazônia, 2018)

Após ler esse texto reflexivo, convidei a todos a andar pela praça e tentar ver além do óbvio, de tentar enxergar nas coisas simples algo extraordinário, de perceber elementos que estão presentes e que as vezes não o percebemos, de ver uma poética em um objeto ou ambiente, de parar e observar por um tempo um determinado espaço ou objeto, de agir como um estrangeiro, um turista em seu próprio ambiente, de exercitar o olhar sobre a cidade depois dessa oficina, através do uso da câmera do celular. Os participantes concordaram e nós começamos o exercício de fotografar. Cada um dos participantes executaram uma foto, abaixo as fotos com seus respectivos títulos e Autores:

Imagem 20 - Raizes em cidade, 2018. Jjoy



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqoCMUTBkO-/>



Nesta fotografia a participante se importou em expressar sua visão de mundo em relação a natureza. Aproveitou o ambiente em que todos estávamos e tomou para si, agindo de maneira como se fosse uma estrangeira em um espaço de sua cidade. Em relato quando a mesma retornou ao local onde estava a acontecer a oficina, ela comunicou que ficou atenta aos detalhes e viu algo que para ela possa ser comum e que para alguém talvez seja algo que não faça parte de seu cotidiano, algo que possa ser extremamente incrível.

A intencionalidade da participante ao fazer esta fotografia deixa claro que seu olhar era o de empatia de quem não conhece aquele espaço, desta maneira fazendo a mesma ter um olhar mais abrangente sobre a cidade pois ela esteve a exercitar seu olhar e o de tentar imaginar o olhar a intencionalidade do outro.

Imagem 21 - Apenas cansado, 2018. Kael



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bqkdh5eB5WK/>

A fotografia intitulada: “Apenas Cansado” Representa o sentimento do participante de estar cansando seja fisicamente ou psicologicamente, expurgando isso através da fotografia por meio de uma poética própria, como foi instigado durante a

oficina. A fotografia não teve uma importância técnica no quesito enquadramento e foi mais direcionada para a poética como era o objetivo da oficina. O mesmo expressou este sentimento relacionando com o vazio dos bancos onde ele provavelmente gostaria de estar, onde ele deveria ocupar aquele espaço e também com o duende ao fundo que está escorado em pedaço de madeira, dando a impressão que está tão cansado que o tronco de madeira servia como um apoiador. Durante nossa conversa após todos me mostrarem as suas fotografias o mesmo me informou que teve como referência as fotografias de Eugène e a minha primeira fotografia. Ele ficou muito fascinado pela beleza em meio ao vazio, de frear nesse cotidiano e ver que a cidade não é só um vai e vem de pessoas e que depois dessa oficina iria ter um olhar mais atento ao seu bairro pois como foi dito durante o relato da oficina o mesmo não notou que existia um elemento no bairro onde ele mora e que este elemento não existe mais, a sua existência agora pertence a memória de quem chegou a ver e a fotografia. Estes elementos estão presentes na primeira fotografia de Cyro Almeida que apresentei aos participantes, mas que teve mais impacto a esse participante.

Imagem 22 - O duende e a água mágica, 2018. Ths



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Bqkb9SrBQgr/>

Na fotografia intitulada: “O duende e a água mágica”, houve uma junção de elementos que foram essências para a nomeação do título. Nesta fotografia a participante cria uma ficção de um ser, neste caso retratado pela imagem de um duende e atribuído o sobrenatural a um dos quatro elementos. A mesma através de sua percepção visual viu em elementos comuns em que todos viam, mas ninguém percebia de fato e deu um sentido a algo aparentemente sem sentido, além da intencionalidade, a mesma se importou com a iluminação que deu a impressão de que de fato a algo sobrenatural, como se de fato dessa vida ao duende e a água mágica. Em conversa no fim da oficina sobre sua fotografia ela relatou que ao ver o duende se lembrou de uma história que tinha ouvido sobre uma estátua de um doente que um amigo havia criado uma história para ele e isso a fez ter mais atenção aos duendes do que os outros elementos da praça. Este relato dá a entender de que é através das nossas vivências e experiências, de nossas memórias que construímos e vemos o mundo que nos cerca de forma intrínseca, pois se não a participante não tivesse conhecido esse amigo e se ele não tivesse contado a estória dele, nada garante que seu foco seria a fotografia de um duende e uma água.

Imagem 23 - Entrada para ruínas, 2018. Victor



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BqxyHPyhyHm/>



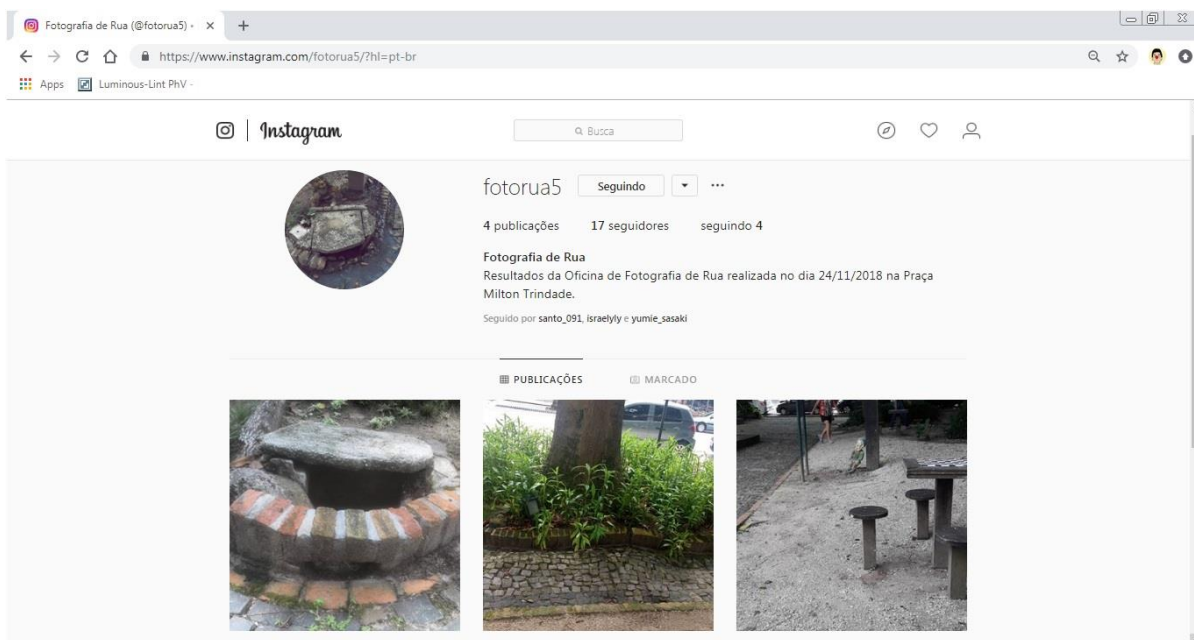
Nesta Fotografia o participante trata de uma intencionalidade inigualável, juntando suas vivências e experiências para achar um elemento que conversasse com aquilo do que ele estava sentindo naquele momento, naquilo que ele queria representar e que a fotografia foi capaz de auxiliar a cumprir esse papel além da percepção visual após a oficina. Em relato após o retorno para o local onde estava a acontecer a oficina esse participante me mostrou a sua fotografia. O mesmo me informou que ele viu na entrada do bueiro um local para entrar em um lugar de derrelição, relacionando com os relacionamentos, trabalho e faculdade. Como se essas coisas fossem também entradas para ruínas.

Entrada para ruínas trata de forma poética um elemento simples que se torna extremamente importante para espelhar o sentimento, a situação atual que se encontra o espírito de quem fez não, essa fotografia não foi apenas um registro mas criou uma realidade interligando com a realidade fato.

As fotografias feitas pelos participantes, extrapolaram o campo da fotografia de rua, atingindo um resultado que eu não esperava. Os participantes por meio de suas imagens além do registro da cidade de forma documental e poética, acabaram levando suas fotografias para o campo ficcional mostrando que os mesmos têm uma visão onírica da cidade.

Após todos, um por um, me mostrarem suas fotografias criei o Instagram coletivo Chamado @Fotorua5 para que pudessem postar suas fotos, dei as informações de login necessárias para que todos pudessem acessar, disse a todos que esta rede social agora pertencia a eles e que se fosse interesse de algum deles ou de todos, eles poderiam postar as fotografias feitas no ambiente urbano, levando em conta tudo o que eles aprenderam nessa oficina.

## Imagem 24 - Print do Instagram @Fotorua5



Fonte: <https://www.instagram.com/fotorua5/>

Após isso agradei a presença de todos e contei a todos que fiquei muito feliz com o resultado da oficina, pois de fato vi que todos estavam interessados e esperava que realmente a percepção visual sobre a cidade de todos, possa ter sido expandida por meio desta oficina.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou por meio de uma ação educativa ampliar a capacidade de percepção visual sobre a cidade através da fotografia que desde a segunda metade do século XIX não apenas fez o registro das pessoas em retratos mas serviu como fonte de documentação do ambiente urbano em desenvolvimento contínuo, além do olhar singular de alguns fotógrafos ao retratar a realidade.

Durante a pesquisa houve algumas dificuldades tais como a de selecionar os fotógrafos que iriam ser objeto de estudo para a esta monografia. Foi escolhido Eugène Atget pelo fato do mesmo ter sido pioneiro na fotografia de rua e Cyro Almeida por suas fotografias serem muito profundas em sua poética. Outro momento em que foi preciso enfrentar obstáculos referiu-se em encontrar informações acerca das fotografias de Eugène Atget e de Cyro Almeida que foram colocadas neste trabalho de conclusão de curso. As informações das fotografias de Eugène Atget foram encontradas nos sites: <http://www.luminous-lint.com> e <https://www.moma.org>. Os dados das fotografias de Cyro Almeida, obtive através de conversa via e-mail com próprio Artista.

Sobre a ação educativa, inicialmente havia sido planejado que os interessados em fazer a oficina deveriam fotografar algo na rua onde moravam, no bairro ou qualquer outro local de seu cotidiano e levar para a oficina, porém esta ideia foi descartada. Houve também a dificuldade em encontrar um local ideal para a execução da oficina, foi pensado em galerias de arte, espaços culturais e praças, devido a um empecilho para se fazer a oficina em uma galeria, foi decidido ser feita em uma praça.

Por intermédio da ação educativa intitulada Fotografia de rua – Uma forma de expansão da percepção visual sobre a cidade. Foi percebido que os participantes dessa oficina não costumavam observar com tanta frequência os lugares por onde passavam em seu cotidiano, tendo uma visão não tão extensa dos elementos que compõem a cidade, apenas vendo, mas não enxergando o que está a sua frente. O que leva a um questionamento: Será que a ausência da importância em observar os detalhes e ter uma visão poética do espaço urbano, são uma exceção em nossa sociedade ou algo natural?

Durante a oficina também foi visto que todas as fotografias que foram expostas na ação educativa foram feitas com os fotógrafos parados, ou seja, todas fotografias foram feitas a pé. Quem está em algum veículo ou a correr acaba passando rápido demais dos

lugares, como consequência não tendo tanto tempo para ver os detalhes de determinado espaço.

Mediante aos exemplos dos fotógrafos: Eugène Atget e Cyro Almeida juntamente com as suas fotografias na oficina de fotografia de rua, foi possível perceber que a cidade é um espaço em constante movimento, em constante transformações sejam estruturais, seja do movimento do vai e vem das pessoas. Um ambiente rico em detalhes, onde se encontra a paz e o caos, as vezes lado a lado e que é preciso apenas que nós, deixemos de lado, mesmo que seja por um minuto, a pressa que nos consume e agir como se o ambiente rotineiro não fosse o de rotina, agir como se esse lugar fosse novo diante de nossos olhos, de redescobrir aquele espaço. A oficina de fotografia de rua tentou ser uma forma de contribuir para melhorar a percepção do olhar sobre a cidade dos participantes. No exercício do ato fotográfico após os conteúdos e discursos acerca das fotografias mostradas. Nas fotografias feitas naquele dia, os participantes naquele momento, haviam apurado seu olhar sobre a cidade e de fato, foi notório a sua percepção expandida, principalmente na questão poética e intrínseca de cada um ao fazer o registro fotográfico, deixando claro a sua visão única do mundo por meio da fotografia.

Através dessa pesquisa trago uma reflexão: Existem várias maneiras de se apresentar o mundo, mas poucas para simboliza-lo. Digo não somente o mundo do visível por todos, mas aquele que cada um de nós através de nossa percepção visual única vê. A fotografia urbana captura momentos, lugares e pessoas. De certo modo a fotografia “Rouba a realidade”, ela nos proporciona através do olhar fotográfico do artista ver um mundo, um ambiente e pessoas, vistas com um outro olhar, com outra percepção visual, nos fazendo ver o que as vezes para nós era comum, se transformar em algo extraordinário.

É preciso o exercício do ato fotográfico na cidade pelas pessoas que vivem nela para cada vez mais valorizar o ambiente no qual se vive e ser uma pessoa conhecedora da cidade onde se mora.

## REFERENCIAS

13/04/2018 - “ISOLAMENTOS E FLUXOS” abre 2ª temporada do espaço cultural banco da Amazônia. Disponível em: <<http://www.bancoamazonia.com.br/index.php/imprensa-noticias/1112-isolamentos-e-fluxos-abre-2-temporada-do-espaco-cultural-banco-da-amazonia>>. Acesso em 04 nov. 2018.

ALMEIDA, Cyro. *Resposta Re: Informações a cerca de alguns trabalhos*. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <cyroalmeida@gmail.com> em 22 nov. 2018

As vitrines de Eugène Atget: A cidade, o fotografo e seus simulacros. Disponível em: <[http://lounge.obviousmag.org/f64\\_straight\\_writing/2012/11/as-vitrines-de-eugene-atget-a-cidade-o-fotografo-e-seus-simulacros.html](http://lounge.obviousmag.org/f64_straight_writing/2012/11/as-vitrines-de-eugene-atget-a-cidade-o-fotografo-e-seus-simulacros.html)>. Acesso em 04 nov. 2018

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Ed 7. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

BANCO DA AMAZÔNIA. **Isolamentos e fluxos**. In: *Isolamentos e fluxos*. Belém: Banco da Amazônia, 2018. (Catálogo)

BARBOSA, Ana. **Tópicos Utópicos**. Ed. 1. Belo horizonte: C/Arte, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**, São Paulo, 1986, p.97. Sobre o projeto de desenvolvimento da burguesia ver especificamente o Capítulo II.

COSTA, Helouise; SILVA, Renato. **A Fotografia Moderna no Brasil**. Ed 1. São Paulo; CosacNaify, 2004.

COSTA, Luciano, **IMAGEM DIALÉTICA E IMAGEM CRÍTICA**. 2010. 184 f. Dissertação de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CYRO ALMEIDA. Disponível em: <<http://www.cyroalmeida.com/arupa/index.php/bio/>>. Acesso em 04 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://flac.art.br/artistas/cyro-almeida/>>. Acesso em 04 nov. 2018.

DERDYK, Edith. **O desenho da figura humana**. São Paulo: Scipione, 1990.

Eugène Atget. Disponível em: <<https://www.moma.org/artists/229>> Acesso em: 04 Nov. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 4 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003

FLUSSER, Vilem. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Comunicações).

G1 Pará: notícias e vídeos da Rede Liberal - G1 Globo. **Big Ben fecha 30 farmácias e decreta recuperação judicial.** Disponível Em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/big-ben-fecha-30-farmacias-e-decreta-recuperacao-judicial.ghtml>> Acesso em: 10 dez. 2018.

KLAUTAU FILHO, Mariano. **Isolamentos e fluxos.** In: *Isolamentos e fluxos*. Belém: Banco da Amazônia, 2018. (Catálogo)

KRASE, Andreas. **Inventário de coisas, in Paris**: Eugene atget. Cologne/Grrmany. Taschen,. 2000.

LUIZ BRAGA. Disponível em: <<http://www.luizbraga.fot.br/bio.html>>. Acesso em 19 dez. 2018.

MARTINEZ, M y MANCEBO, J, La memoria propia es la mejor fuente de documentación, pág. 29, sin Título nº1, Cuenca, 1994.

MOURA, Simone. **CIDADE COMO LUGAR DE EXPERIÊNCIA**: uma percepção pelas imagens dos fotógrafos Mariano Klautau Filho e Paula Sampaio. 2013, 136 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Fedral do Pará, belém, 2013.

PARÁ, **Fotografia contemporânea paraense**: Panorama 80/90. Belém: SECULT, 2002.

PARDINI, Patrik. **Criação fotográfica: a experiência do outro e a dissolução da autoria.** In: IX Colóquio de Fotografia e Imagem – Autografias. Associação Foto Ativa. Belém, Pará, 2013.

SIMAS, Maria Lúcia, et tal. O uso de pinturas de Dalí como ferramenta para avaliação das alterações na percepção de forma e tamanho em pacientes esquizofrênicos. **Revista psicologia**, São Paulo, SP, 22-1, p 67–80, out/dez. 2010.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia**, Rio de Janeiro, 1982,p.15.